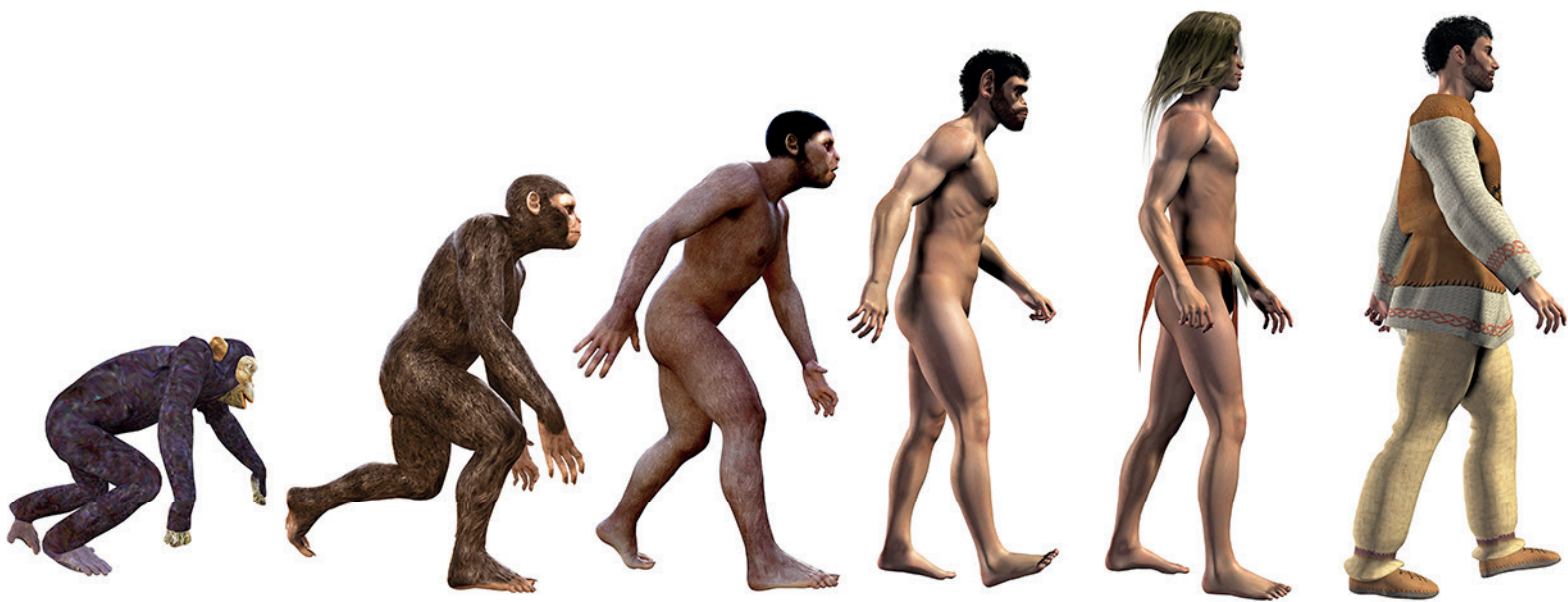


Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

4

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

**Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas
4**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-034-6

DOI 10.22533/at.ed.346191501

1. Administração pública. 2. Relações trabalhistas. 3. Trabalho – Brasil. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 351.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 4, apresenta 16 capítulos sobre os aspectos relevantes das Ciências Sociais Aplicadas. Os temas têm como peculiaridade exibir no contexto atual as situações vinculadas a administração pública, gestão de empresas privadas, condições e estabilidade no trabalho, saúde psíquica do trabalhador em empresas privadas/públicas e condições atuais do trabalho formal.

Na contemporaneidade as transformações no setor administrativo e empresarial não resultam apenas na acumulação de capital, essas através da dinâmica, acabam modificando as relações no trabalho. Diante desta perspectiva os assuntos abordados são inesgotáveis contribuindo no processo de reflexão na perspectiva política, econômica e sociocultural.

A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O MUNDO DO TRABALHO SOB A NOVA ORGANIZAÇÃO E OS INFLUXOS NA SAÚDE DO TRABALHADOR	
<i>Jéssica Pereira Cosmo da Silva</i>	
<i>Larissa dos Santos Ferreira</i>	
<i>Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3461915011	
CAPÍTULO 2	10
AVALIAÇÃO DE RISCOS PSICOSSOCIAIS DAS PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS EM EMPRESAS PRIVADAS E MISTAS NO RIO DE JANEIRO	
<i>Wagner Salles</i>	
<i>Daniela Salomão Ach</i>	
<i>Jacqueline Santana Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3461915012	
CAPÍTULO 3	21
TEMPO PARA TRABALHAR, TEMPO PARA VIVER A VIDA: AS POSSIBILIDADES DE UMA VIDA A SER VIVIDA FORA DA CENTRALIDADE DO TRABALHO	
<i>Fabio Luiz Zanin</i>	
<i>Arlindo M Esteves Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3461915013	
CAPÍTULO 4	33
COMPATIBILIDADE ENTRE ÂNCORAS DE CARREIRA E VALORES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA GERENCIAL: UM ESTUDO JUNTO AOS SERVIDORES DAS ATIVIDADES-FIM DO INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER – INCA	
<i>Fernando A. Santana Souza</i>	
<i>Isabel de Sá Affonso da Costa</i>	
<i>Marco Aurelio Carino Bouzada</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3461915014	
CAPÍTULO 5	51
CORRELAÇÕES ENTRE DIFERENTES TERMINOLOGIAS NO CONTEXTO DO TERCEIRO SETOR: INOVAÇÃO SOCIAL X EMPREENDEDORISMO SOCIAL X EMPRESA SOCIAL X NEGÓCIO SOCIAL	
<i>Manuela Rösing Agostini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3461915015	
CAPÍTULO 6	60
A PRÁTICA REFLEXIVA DE UM CONSELHO PROFISSIONAL A PARTIR DAS SUAS PRÁTICAS E PRATICANTES	
<i>Thiago Roozevelt de Souza</i>	
<i>Ludmilla Meyer Montenegro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3461915016	
CAPÍTULO 7	73
EM BUSCA DA DIFERENÇA E DA IGUALDADE: REFLEXÕES SOBRE MULTICULTURALISMO E INTERCULTURALISMO	
<i>Michel Mott Machado</i>	
<i>Maria Luisa Mendes Teixeira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3461915017	

CAPÍTULO 8 83

QUANTO PESA UMA BENGALA? ELEMENTOS PARA UMA (RE)DISCUSSÃO DO PROJETO DE EMENDA CONSTITUCIONAL 457/2005 E SEUS EFEITOS NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Sandro Luís Tomás Ballande Romanelli

DOI 10.22533/at.ed.3461915018

CAPÍTULO 9 94

CULTURA E INTEGRAÇÃO REGIONAL: UNILA UM NOVO PARADIGMA CULTURAL PARA INTEGRAÇÃO REGIONAL.

Lucas Gonçalves de Oliveira Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.3461915019

CAPÍTULO 10 105

RENORMALIZAR O TRABALHO PARA SOBREVIVER AO MEIO: ESTUDO NO BENEFICIAMENTO DE MÁRMORE E GRANITO

Thiara De Ângeli Porto

Mônica de Fatima Bianco

DOI 10.22533/at.ed.34619150110

CAPÍTULO 11 118

MODERNIDADE E REIVINDICAÇÃO IDENTITÁRIA NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS EM PROJETOS INTELECTUAIS E AS AGÊNCIAS REGULADORAS COMO EXEMPLO SIMBÓLICO

Fabiana Saboia

Maria Gracinda Carvalho Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.34619150111

CAPÍTULO 12 134

EMPRESAS PRIVADAS ATUANDO NO REGIME ECONÔMICO INTERNACIONAL: POSSIBILIDADES E LIMITES

Leandro Terra Adriano

DOI 10.22533/at.ed.34619150112

CAPÍTULO 13 149

E QUANDO O MEDO NÃO É DE SER MANDADO EMBORA? UMA ANÁLISE DA GESTÃO DO/PELO MEDO EM UMA ORGANIZAÇÃO PÚBLICA

Paula Fernandes Furbino Bretas

Elisângela Domingues Michelatto Natt

DOI 10.22533/at.ed.34619150113

CAPÍTULO 14 166

A GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL

Flávia Ferreira Trindade

DOI 10.22533/at.ed.34619150114

CAPÍTULO 15 180

COMPORTAMENTO E ENVOLVIMENTO DO CONSUMIDOR: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

Omar Ouro-Salim

Karine de Jesus Rodrigues Santana

Janice Rodrigues da Silva Hama

Carolina de Lima Nogueira Jorge

Luiz Lopes Maciel

José Waldo Martinez Espinosa

DOI 10.22533/at.ed.34619150115

CAPÍTULO 16 197

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DOS PARTIDOS NO SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO: ATIVIDADE PARLAMENTAR EM CONTEXTO DE PREPONDERÂNCIA DO EXECUTIVO

Vinícius Silva Alves

DOI 10.22533/at.ed.34619150116

SOBRE A ORGANIZADORA 213

RENORMALIZAR O TRABALHO PARA SOBREVIVER AO MEIO: ESTUDO NO BENEFICIAMENTO DE MÁRMORE E GRANITO

Thiara De Ângeli Porto

Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo.
Vitória – Espírito Santo

Mônica de Fatima Bianco

Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração – Mestrado e Doutorado da Universidade Federal do Espírito Santo. Grupo de Estudos em Trabalho Ergologia e Gestão (GETERGE).
Vitória – Espírito Santo

RESUMO: A análise ergológica é feita tanto quanto possível do ponto de vista da atividade, confrontando os diferentes saberes individuais com os saberes produzidos na atividade de trabalho – seja individual ou coletivamente. O objetivo do artigo foi compreender os *usos de si por si e pelos outros*, e os *usos do corpo-si* nos processos de umidificação do beneficiamento de granitos, para promoção da saúde e segurança, em uma organização localizada no estado do Espírito Santo. Teve como base o acompanhamento dos processos de trabalho no chão-de-fábrica – assumindo a postura de um cartógrafo, fazendo anotações num diário de campo. Posteriormente, foi realizada a análise de conteúdo do material. O estudo evidenciou aspectos dos *usos* envolvidos na atividade e da realidade de trabalho no que diz respeito à

saúde e segurança. O trabalho real vai além do prescrito, os trabalhadores se engajam para atender às exigências do meio, como equacionar e gerir os problemas emergentes, onde faltam condições dignas de trabalho, a fim de promover a saúde e segurança dos trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: Processos de Trabalho, Ergologia, Beneficiamento de Granitos.

ABSTRACT: The ergological analysis is done as much as possible from the point of view of the activity, confronting the different individual knowledge with the knowledge produced in the work activity - either individually or collectively. The objective of the article was to understand the uses of oneself and others, and the uses of the body-itself in the process of humidification of the granite processing, to promote health and safety, in an organization located in the state of Espírito Santo. It was based on the follow-up of the work processes on the factory floor - assuming the position of a cartographer, making notes in a field diary. Subsequently, the material content analysis was performed. The study showed aspects of the uses involved in the activity and the reality of work with regard to health and safety. The actual work goes beyond what is prescribed, workers are engaged to meet the demands of the environment, how to equate and manage emerging problems, where they

lack decent working conditions, in order to promote the health and safety of workers.

KEYWORDS: Work Processes; Ergology; Beneficiation Granites.

1 | INTRODUÇÃO

O trabalho real é um campo repleto de sentimentos contrariados, uma vez que os trabalhadores buscam não apenas sobreviver em um contexto, mas produzir um contexto para viver, fato que se torna causa vital para a saúde (CLOT, 2011).

Em busca de entender junto aos trabalhadores engajados nos processos de beneficiamento de granitos, os riscos, as doenças, e toxidades do meio para se viver ou sobreviver no trabalho, o uso do conceito de “usos do corpo-si” se faz relevante. Este auxilia na compreensão da história de cada um, situação a situação, no agir coletivo ligado à história política e social, e ao que há de imprevisível no trabalho, incluindo riscos do trabalho assumidos por escolha coletiva e decorrentes do viver junto, isto é, trabalhar coletivamente (SCHWARTZ, 2014b).

Desse modo, o artigo é resultado de um estudo que trata de trabalho e saúde nos processos de umidificação no beneficiamento de granitos, isto é, do controle da poeira por meio da utilização da água. Neste estudo, o uso da água para tal finalidade, em partes importantes do processo de transformação, é inicialmente entendido como um Equipamento de Proteção Coletiva – EPC, que juntamente com os Equipamentos de Proteção Individual – EPI contribuem para manutenção da saúde e segurança do trabalhador. Este artigo traz um recorte analítico dos dados. O estudo está vinculado a uma dissertação de mestrado e também fez parte de uma pesquisa, mais abrangente, visando compreender melhor o trabalho real em diferentes organizações de beneficiamento de granitos no estado do Espírito Santo – Brasil.

Ao considerar que o setor de rochas ornamentais, no Brasil e, mais especificamente, as atividades de beneficiamento de granitos fazem o uso intenso da atividade humana nos processos de trabalho, entende-se como uma opção teórica coerente partir da Ergologia para se falar de trabalho e saúde. A perspectiva Ergológica objetiva construir um saber viabilizador da compreensão e intervenção em saúde, sendo o trabalho visto sob o ponto de vista da atividade humana, permeada das singularidades daqueles que a realizam (SCHWARTZ, 2014a; 2014b; SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010a; 2010b).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva das situações de trabalho tomando-se por referência uma organização. Optou-se pela cartografia para abordagem do campo, por sua proposta de acompanhar processos de trabalho, entendidos como dinâmicos, como as situações de trabalho o são. Assim, partindo do referencial teórico da Ergologia, e concebendo o trabalho como relação dialética entre técnica e ação humana, o objetivo deste trabalho é compreender os *usos de si por si e pelos outros*, e os *usos do corpo-si* nos processos de umidificação do beneficiamento de granitos,

para promoção da saúde e segurança.

Para tanto, o artigo está organizado da seguinte maneira: após essa introdução, trata da abordagem Ergológica; os aspectos metodológicos pertinentes à pesquisa são apontados, incluindo uma breve apresentação da organização *locus* do estudo, e por fim; tece as considerações finais.

2 | A ABORDAGEM ERGOLÓGICA

Na atividade de trabalho, há sempre uma parte antecipável, visto que toda situação de trabalho é sempre aplicação de um protocolo, e outra parte não antecipável. Isso porque os indivíduos são únicos e singulares, viventes de histórias e experiências únicas, as quais refletem e interferem na realização de suas atividades, mesmo que em certas profissões haja normas bem precisas, elas sempre serão insuficientes, devido ao “vazio de normas” (SCHWARTZ, 2010a; 2010b), caracterizado pela parte enigmática do trabalho que não pode ser antecipável. Essa dimensão invisível do trabalho resulta nas arbitragens, “renormalizações”, mesmo que ínfimas (SCHWARTZ, 2014b) realizadas pelo trabalhador.

Os sujeitos, em meio a esses embates de normas, captam informações *in situ* que favorecem as arbitragens industriosas. Com o uso de si por si e o uso de si pelos outros, há a reinvenção da maneira de ser, de viver, de sobreviver e em parte, eles reconfiguram as condições do engajamento industrial a partir da presença do corpo que sente, vigia, adere e seleciona parâmetros variáveis da situação em que não há domínios definidos e circunscritos, mas uma síntese, denominada de “corpo-si” (SCHWARTZ, 2014a; 2014b).

A expressão *corpo-si* designa o que foi moldado por experiências, saberes e histórias e tenta explicar o fato de que as “renormalizações”, isto é, as tentativas individuais e coletivas de retrabalho das *normas antecedentes* – aquelas vinculadas à aquisição da inteligência e experiência coletiva relativas aos saberes técnicos, científicos e culturais, historicamente incorporada ao fazer - da atividade, não concernem somente ao corpo, à vida psíquica, política e cultural, mas a uma sinergia de todas as dimensões do ser (SCHWARTZ, 1998, 2014b). Essa sinergia corresponde ao trabalho, ao uso de si, e uma vez diante de situações jamais padronizadas na atividade industrial individual e coletiva, o *uso* no trabalho *por si e pelos outros* se faz constante, sendo denominado de *usos do corpo-si* (SCHWARTZ, 2014b). Sendo o termo *usos do corpo-si* elaborado por Schwartz (2014a) como uma evolução do conceito de *dramáticas do uso de si*. O autor escreve, “cremos poder afirmar que o trabalho como uso de si é uso de um corpo-si” (SCHWARTZ, 2014a, p. 263).

A pessoa que executa uma atividade – na opinião de Moraes e Pinto (2011) ao estudarem o uso do corpo-si –, é mobilizada, por inteiro, para inventar e gerir saídas para as situações reais. Ou seja, “mais que decisões mentais, ela se engaja por inteiro,

com todas as dimensões em jogo (corporal, social, cognitivo, afetivo) para encontrar os meios de resolver as situações” (MORAES; PINTO, 2011, p. 284).

Assim, a análise ergológica é feita tanto quanto possível do ponto de vista da atividade, concentrando-se sobre a relação das pessoas com o meio no qual estão engajadas (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010b). Em se tratando do desejo de saúde e das singularidades do trabalho, todo homem deseja ser sujeito de suas normas, de modo que “viver é irradiar” (CANGUILHEM, 1947), isto é, viver é organizar o meio em função da avaliação, da valorização e das decisões de si em relação a seu próprio agir, uma vez que, saúde diz respeito à capacidade e necessidade de criar normas e viver de acordo com elas (CANGUILHEM, 1995).

3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada com trabalhadores de uma empresa de pequeno porte do setor de rochas ornamentais no estado do Espírito Santo, logo cabe uma breve apresentação dessa organização, *locus* do estudo, no primeiro subitem. Seguido de outros dois subitens, o primeiro, com base na postura assumida por um cartógrafo, faz a descrição da abordagem do campo para produção dos dados e, o segundo, com o modo como os dados foram tratados no estudo.

3.1 A Empresa TJ Granitos e Seus Processos a Úmido

A organização aqui denominada de TJ Granitos LTDA, atua no seguimento de beneficiamento de Mármore e Granito desde 2002. Seu surgimento decorre da união de duas empresas, que realizavam vendas de Rochas Ornamentais em estado bruto para o mercado externo, isto é, em blocos de pedras. Estas, diante da possibilidade de melhores negócios decidem se unir para criar uma indústria conjunta. Assim, surge a TJ Granitos para atuar no beneficiamento de rochas ornamentais, envolvendo as seguintes etapas produtivas: serragem, levigamento, resinamento, polimento e classificação, retoque e ovada no contêiner, das quais apenas três etapas utilizam a água em seus processos, que são: a serragem, o levigamento e o polimento.

A serragem consiste no corte dos blocos de mármore ou granito em chapas de 2 ou 3 centímetros de espessura, utilizando para isso o Multifios, maquinário que realiza o corte com vários fios diamantados, para posteriormente as chapas seguirem para serem levigadas. O levigamento consiste no desbaste das chapas, permitindo que as superfícies fiquem planas e uniformes para receberem a resina, utilizando para isso abrasivos que são postos na Levigatriz, maquinário utilizado. O polimento consiste na etapa em que as chapas são polidas com o uso de abrasivos pelo maquinário denominado Politriz, com a finalidade de deixar o material com textura e brilho final. Assim que sai da Politriz cada chapa é medida e classificada como de 1^a, 2^a ou 3^a qualidade, sendo essa a ordem decrescente de seu valor comercial.

A TJ Granitos desenvolvia suas atividades a partir das deliberações de seus dois diretores, um de cada empresa fundadora, com percentual igual na sociedade (50% para cada), além de dois encarregados: um para a produção e outro para a Gestão de Pessoas, um responsável pela limpeza da área administrativa e trinta e dois (32) trabalhadores atuando na produção, totalizando dois diretores e trinta e cinco (35) empregados. Na produção, dez (10) trabalhadores atuam nos processos a úmido, conforme explicado, critério considerado na escolha da organização para o presente estudo.

3.2 Cartografando Processos de Beneficiamento de Granitos

A cartografia se coloca como uma postura ou prática metodológica, sendo inicialmente formulada por Deleuze e Guattari (1995). Como uma prática, ela dispõe-se ao desafio de acompanhar processos e não de representar um objeto. Com base em diferentes autores (ROLNIK, 2006; KASTRUP, 2009) e pesquisadores, entende-se que a cartografia tem caráter dinâmico e processual. Esta “se constrói e se atualiza a cada encontro entre sujeito e objeto/ pesquisador e campo de pesquisa” (BINDA, 2009, p. 53).

Diz-se que o cartógrafo quer estudar a vida em movimento – movimento do desejo, o que não é visível, o imprevisível, e “analisar o processo de constituição de novas realidades” (BINDA, 2009, p. 53). Logo, assumir essa postura, nesta pesquisa entendeu-se como pertinente, tendo em vista que a atividade de trabalho, na perspectiva Ergológica, é concebida como um enigma a ser perscrutado (SCHWARTZ, 2011b), um ato complexo que engloba para além da execução de tarefas preestabelecidas, uma dialética entre técnica e ação humana que não é completamente antecipável (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008).

Os aspectos importantes para a construção da pesquisa com essas perspectivas teórico-epistemológicas e no beneficiamento de granitos a úmido são indicados a seguir.

3.2.1 Produção dos Dados

O acompanhamento de encontros ocorreu a partir de visitas a campo durante cinco meses consecutivos (julho a novembro de 2015), com a frequência média de duas visitas por semana por cerca de 4 horas seguidas a cada vez, ou seja, num total de 160 horas. A escolha da organização *locus* da pesquisa foi condicionada a critérios como: ser sediada no estado do Espírito Santo; utilizar maquinário apropriado para processos a úmido - umidificação; possibilitar a entrada do pesquisador e a realização de suas atividades.

Os participantes diretos eram todos homens com idade entre 20 e 53 anos, cinco deles tinham formação de ensino médio completo, com experiência variando entre 1 ano e 3 meses e 21 anos no setor e, abrangendo todas as funções do beneficiamento

na organização. Todas as funções do processo de beneficiamento que utilizam a umidificação foram contempladas na pesquisa, realizando-se o acompanhamento das atividades dos trabalhadores com anotações num diário de campo.

Na produção de dados, a análise do material foi realizada levando em consideração que a Ergologia é uma abordagem pluridisciplinar, uma disciplina do pensamento, que tem por intuito convocar e confrontar os saberes acadêmicos com os saberes imanentes à atividade de trabalho.

3.2.2 Tratamento dos Dados

Para o tratamento dos dados foi usada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006). Os procedimentos de análise podem ser descritos pelo processo de categorização, utilizando categorização *a priori* feita com base no referencial para a análise de dados do Trabalho Real descritos pela Cartografia.

Após a digitação do diário de campo, as categorias *a priori* pré-determinadas foram utilizadas para análise do trabalho real acompanhado e descrito pela cartografia nas etapas do beneficiamento a úmido, e estão a seguir relacionadas:

- a) O uso do corpo-si;
- b) O uso de si por si e pelos outros.

No próximo item, são apresentadas as análises e discussão dos dados e resultados. Cabe ressaltar que as informações utilizadas são provenientes das “observações” e anotações no diário de campo, indicadas no texto pelas letras “DC”.

4 | A ANÁLISE DOS DADOS

Apresentam-se, a seguir, cenas colocadas em foco com intuito de possibilitar a análise de situações, com as narrações que apresentam o visível e o que foi cartografado dos processos de beneficiamento de granitos envolvendo a umidificação na empresa TJ Granitos, mais especificamente nas etapas de serragem, levigamento e polimento das chapas.

4.3 A Serragem dos Blocos

Na serragem, há o revezamento do trabalho em turnos, dia e noite, sendo que em cada turno há dois trabalhadores. Durante o dia, o encarregado de produção ou os sócios, que diariamente estão no pátio de produção, repassam à dupla de trabalhadores qual bloco deve ser serrado e a espessura da chapa (2 ou 3 centímetros), sendo que essa determinação é diária, proveniente da demanda, isto é, das vendas.

Uma das duplas, composta por Thiago e Felipe, inicia a serragem de um bloco. Os trabalhadores vão para a sala de controle que fica ao lado do maquinário que realiza o corte, denominado Multifios, ligam a rotação dos fios em velocidade alta e acionam a decida em velocidade média. Ficam atentos, olhando pelo vidro da sala

o início de uma nova serrada. Do lado de fora da sala, pequenos pedaços de pedra voam do bloco além da água. Logo após, Felipe sai da sala para verificar se os fios diamantados estão serrando de forma alinhada. Ele usa as mãos para fazer sinal de positivo para Thiago que ficou na sala, este então sai, e ficam os dois de pé ao lado do maquinário observando atentamente os fios desenharem seu corte na rocha e ouvindo o barulho do multifio.

A atenção que eles têm a esse momento pode ser visualizada pela postura do corpo que se envolve aos sentidos da audição, caso ouçam algum barulho estranho; da visão caso visualizem algum fio serrando torto ou trançado a outro; da cognição para saber qual comando acionar ou desligar no painel de controle caso tenham que sair correndo para evitar danos ao material ou algum tipo de acidente; além da história marcada em cada um que lhe confere certa inteligência da prática. O início de uma serrada é sempre um momento de muita tensão e atenção e envolve a mobilização do corpo por inteiro, ou seja, o corpo-si, desenvolvendo saberes e experiências que auxiliam na realização da atividade (MORAES; PINTO, 2011).

Ao fim, ambos os trabalhadores têm a blusa repleta de respingos de água, a barra das calças e as botas na coloração brancas, mesmo não o sendo. Thiago e Felipe se olham atentamente ao mesmo tempo em que observam o maquinário, ao serem indagados sobre esse momento, eles relatam que se comunicam por meio do olhar, uma vez que ficam atentos ao barulho do maquinário e, por isso evitam conversar nesse momento. O fato de os trabalhadores compreenderem, sem uma palavra o que o outro quer dizer, demonstra cumplicidade, a densidade de vida em comum que foge dos organogramas e das prescrições (SCHWARTZ, 2010a; 2010b).

À medida que os fios adentram alguns centímetros na rocha, demarcando a direção do corte é possível ver, com um olhar meticuloso, se os fios estão alinhados e cortando as chapas igualmente. Após alguns minutos de observação, eles lavam as mãos na água que escorre pelo bloco, se afastam um pouco e iniciam a conversa ao mesmo tempo em que prestam atenção na serrada.

Há comunicação verbal e gestual, e principalmente, muita atenção no que o outro faz ou deixa de fazer, há uma sintonia entre a dupla. A linguagem no trabalho é rica e os trabalhadores a utilizam, em suas formas variadas, para regular sua atividade (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010c). Eles usam o uniforme da empresa, ambos com blusa de manga curta, calça e bota, além do EPI: o protetor solar e o protetor auricular ou abafador.

Os trabalhadores convivem em um ambiente permeado por riscos, como: risco de algum fio se romper e atingi-los; de queda das chapas à medida que são tombadas após a serrada; do carro porta-bloco se movimentar e atingir alguém; risco de choque elétrico ao ligar o cabo de energia ao carro porta-bloco molhado; de prender e até mesmo perder membros, como: braços, mãos, dedos, pernas e pés, à medida que, se escoram no maquinário e no bloco para se movimentarem; e também no carregamento e descarregamento de chapas e blocos com o pórtico rolante, a medida que ajeitam

e ajustam a corrente ou a cinta que transporta o material; além disso, a corrente e a cinta presas ao pórtico podem romper a medida que transportam bloco ou chapas, e o pórtico rolante pode sofrer interferência no sinal de seu controle e se movimentar sem comando prévio, dentre outros.

Um dos acidentes de trabalho ocorridos e relatado foi em decorrência da movimentação sem comando prévio do pórtico rolante. Isso devido ao fato de o maquinário ser comandado via controle sem fio. Houve interferência em seu sinal, possivelmente, pelo sinal de um telefone celular, e sem que ninguém acionasse o comando do controle, o pórtico se movimentou (DC). Em relação à poeira da pedra, esta persiste mesmo com o uso da água durante a serrada sendo esta visível no ar, mesmo durante o dia e no pátio ao redor do multifio. Tudo ao redor do maquinário é branco devido à poeira da pedra que se deposita nas superfícies e em quem estiver por perto.

Diante de tantos riscos à saúde e a segurança, e muitos deles com consequências fatais, os trabalhadores se protegem fazendo usos de si por si e pelos outros a partir das normas antecedentes, ao equacionar e gerir os problemas emergentes e fazendo uso do corpo para se proteger em meio a diferentes lógicas e normas, às vezes insuficientes, mas presentes, que contribuem para que eles usem ou não os EPI-s (SCHWARTZ, 2014b).

4.4 O Levigamento das Chapas

As chapas vindas da serragem são postas em cavaletes (com formato triangular e base de apoio de ambos os lados) fixos no chão do galpão, formando um estoque de chapas serradas, prontas para serem levigadas. Nessa etapa do beneficiamento, há apenas uma dupla que trabalha durante o dia, composta pelo polidor Adílson que atua como levigador e pelo auxiliar de serviços gerais Matheus que atua como ajudante no levigamento. Diariamente, o encarregado de produção informa aos trabalhadores a programação, proveniente das vendas realizadas pelos sócios. Por comercializar produtos exóticos e por vezes frágeis e porosos, o levigamento pode ocorrer mais de uma vez na mesma chapa, ocorre sempre após a serragem das chapas e, também, quando o polimento não ocorre como o esperado, nesse caso eles repetem todo o processo de levigar, resinar e polir a chapa (DC).

A levigatriz, máquina que realiza o levigamento, possui 16 satélites que contém 6 abrasivos cada. O satélite é uma peça circular que comporta diferentes tipos de abrasivos para levigar a chapa. Cada satélite gira em sentido oposto ao outro, deslizando de uma extremidade a outra da chapa, realizando o desbaste da pedra por meio do tipo e da sequência de abrasivos utilizados (DC). Essa sequência é montada pelo operador Adílson de acordo com o tipo de material a ser levigado.

A regulagem da pressão de cada satélite também depende do tipo de material e influencia na qualidade do levigamento. Avaliando a situação, Adílson faz uso de si por si ao criar as sequências de abrasivos a serem utilizados para cada tipo de material

bem como para ajustar a pressão de cada satélite, mesmo sem ter um conhecimento formal, ele atua de acordo com sua experiência da prática para enfrentar os desafios do meio (SCHWARTZ, 2000), ao mesmo tempo em que faz uso de si pelos outros, ao ser auxiliado pelo seu companheiro Matheus, que em certa medida, contribui para a tomada de decisão (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010c).

Apesar de ser semiautomática e controlar o tempo de descida e subida dos satélites à medida que os sensores detectam a presença da chapa, o maquinário possui dois satélites que operam no manual, isto é, Adílson que realiza esse controle (DC). Ao serem postas na levigatriz, as chapas podem ficar com suas extremidades unidas ou com um espaço entre elas. Os sensores fazem com que os satélites desçam e subam ao longo da superfície da chapa, mas como há dois satélites defeituosos, Adílson faz o ajuste, pois, caso algum dos satélites defeituosos desça entre as chapas, o contato pode danificar o material, quebrando ou trincando as extremidades.

Em meio às tarefas de escolher a sequência de abrasivos, a pressão dos satélites, de verificar a qualidade do levigamento e retirar as chapas do maquinário carregando o cavalete de saída da máquina, o trabalhador cuida para que os dois satélites que estão no manual não desçam entre as chapas. Quando ele está carregando o cavalete de saída com as chapas já levigadas, mesmo não podendo observar os satélites, ele fica atento ao barulho da máquina, pois, caso algum satélite desça entre as chapas, reconhece pelo barulho do maquinário, deixa o que está fazendo e sai correndo para acionar a subida dos satélites e evitar que danifique o material.

Ao estar ao lado do maquinário, por mais que esteja fazendo outra tarefa, sua preocupação faz com que o corpo esteja em estado de atenção, sempre pronto a agir ao ver algo que destoe ou ouvir algum barulho. Não se trata apenas de saber que os satélites abaixaram entre as chapas, o próprio corpo deve ser capaz de saber e fazer, imediatamente, o acionamento manual e individual dos dois satélites defeituosos. O corpo é mobilizado a agir e é ele que aprende, a gestualidade do corpo que mobiliza o movimento das mãos e o local de cada satélite ao longo da extensão da máquina assemelha-se a uma espécie de automatismo que escapa à sua consciência imediata (MORAES; PINTO, 2011).

Assim como na etapa anterior, aqui também é possível visualizar a poeira branca sobre e ao redor do maquinário durante o dia, alguns trabalhadores consideram que de todas as etapas do beneficiamento a úmido, a etapa do levigamento é a que mais emite poeira durante seu processo, mesmo utilizando a água (DC). A geração dessa poeira depende também do tipo de material que está sendo processado, de modo que as rochas mais porosas emitem menos poeira do que as rochas maciças (DC). Aqui, diferente das outras etapas, a dupla de trabalhadores passa a maior parte do tempo com máscara descartável que protege o nariz e a boca.

Além do risco relacionado à saúde, devido às doenças decorrentes da inalação da poeira da pedra que contém sílica, os trabalhadores convivem com os *riscos do trabalho* que requerem uma postura de vigilância, de alerta (SCHWARTZ, 2014b).

Como por exemplo, de um pedaço de pedra ou um abrasivo voar de dentro do maquinário atingindo-os; com a possibilidade da bandeira, (equipamento fixo ao chão que possui uma garra ou pinça presa a este por um cabo de aço, que é usado para deslocar chapas em lugares próximos) ou mesa de carga e descarga falharem e a chapa cair sobre eles; de prenderem e ou perderem membros como: dedos, mãos, braços, pés e pernas durante o manuseio das chapas; da cinta presa à ponte ou do cabo de aço da ponte rolante romper; das chapas armazenadas nos cavaletes ao redor do maquinário, formando um estoque, deslizarem do mesmo ou do cavalete quebrar deixando as chapas sem apoio; com o risco de colisão entre pacotes de chapas em movimento, ou destes com as chapas que se encontram nos cavaletes do estoque.

Assim, o debate de normas entre o uso que se espera dele e o que cada trabalhador realiza, é decidido pelas preferências e valores que atravessam os indivíduos em atividade, resultando na renormalização (SCHWARTZ, 2014b). Estas impulsionam o trabalhador a se proteger em busca de saúde e segurança, usando ou não os EPI-s, abrindo a proteção de segurança da máquina mesmo com ela em movimento para verificar o processo de transformação, e a trocar os abrasivos de um satélite mesmo com os outros ao redor estando em movimento.

4.5 O Polimento das Chapas

Apesar de serem processos com finalidades distintas, o levigamento e o polimento utilizam o mesmo tipo de maquinário. A politriz possui 16 satélites que contém 6 abrasivos cada. O satélite comporta diferentes tipos de abrasivos para polir a chapa, além de possuir a tubulação de água em seu centro. A combinação dos tipos de abrasivo com a pressão e a quantidade e qualidade da água permite ao trabalhador controlar diretamente o brilho e a textura da chapa.

No polimento trabalham duas duplas de trabalhadores. César faz dupla com Rodrigo que é operador de ponte rolante, mas atua como ajudante no polimento, e Paulo faz dupla com Lucas que é auxiliar de produção, mas atua como ajudante no polimento.

Após serem resinadas, as chapas vem para o estoque próximo ao polimento. Nesse estoque, as chapas ficam enfileiradas em cavaletes verticais (peça metálica presa ao chão com hastes elevadas em formato de pente, de um lado e de outro, proporcionando que as chapas sejam armazenadas entre os vãos das hastes), e à medida que o encarregado de produção informa o material a ser processado, os trabalhadores do polimento ou os que atuam no transporte e movimentação das chapas (os operadores de ponte rolante) carregam o cavalete triangular que fica no início da etapa do polimento.

No cavalete, o lado da chapa a ser polida, que é o lado que recebe a resina, fica virado para o interior do cavalete triangular, revelando ao trabalhador possíveis resquícios de resina que possam ter escorrido pelas laterais e se fixado na parte de baixo da chapa. Para evitar que os resquícios de resina comprometam o polimento

das chapas, Rodrigo faz uso do corpo-si ao verificar com o olhar ao mesmo tempo em que passa a mão sobre a superfície da chapa, e caso veja ou sinta algo, ele o retira. Para isso, ele usa uma espátula (como a utilizada na construção civil) para retirar as bolinhas de resina que se fixam na chapa, sem danificá-la. Porém, para agilizar o serviço ele utiliza a lixa elétrica.

Nesse caso, é possível perceber a produtividade como um valor presente e relacionada com o fator econômico envolvido, aspectos que interferem nos modos de fazer, na micro e macrodinâmica da atividade de trabalho (SCHWARTZ, 2011a). Além disso, caso haja excesso de resina na superfície das chapas, o polimento pode ficar desigual ao longo desta, não conferindo o brilho esperado pelos trabalhadores. Desse modo, quando há excesso de resina na superfície da chapa, esta deve ser lixada, com a lixa elétrica, para que, após o polimento adquira brilho uniforme. O brilho uniforme ao longo da chapa é um aspecto valorizado pelos trabalhadores do polimento, pois conforme relato, quando eles conseguem produzir chapas com brilho elevado, uniforme e sem arranhões, eles se sentem recompensados, “ganham o dia” como dizem.

O trabalho é uma atividade em si, e também, uma forma específica de algo mais geral, a atividade humana (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2010c) e tudo que ela carrega de simbólico. As três etapas narradas, revelam o trabalho real no processo de beneficiamento a úmido de granitos na empresa estudada e as múltiplas circulações de saberes entre os trabalhadores de cada etapa, que não podem ser antecipadas, prescritas, por nenhuma regra (SCHWARTZ, 2010a; 2010b). É preciso respeitar o ponto de vista da atividade e compreender que toda história se produz nos dramas do cotidiano, nos embates de valor e de normas, isto é, nas renormalizações (MORAES; PINTO, 2011).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo pontuou alguns aspectos da realidade do trabalho na organização e, no que diz respeito à comunicação, à saúde e segurança na atividade de trabalho no setor de beneficiamento, trouxe dados que revelam que o prescrito, e as normas antecedentes – aquelas que estão vinculadas aos saberes técnico, científico, cultural e aos valores - não dão conta de prever o real. De modo que, por estar vinculada a aquisição da inteligência e experiência coletiva, os trabalhadores ao fazerem opções na busca de soluções, desenvolvem novas técnicas que posteriormente podem ser incorporadas às normas antecedentes (ALVAREZ; TELLES, 2004), nesse sentido, quem decide diante de um meio permeado por riscos à saúde e a segurança que desafiam é o corpo-si.

A partir das anotações do diário de campo e do acompanhamento dos processos realizados, foi possível vivenciar junto com os trabalhadores as situações de trabalho, e entender como se articulam o uso do corpo-si e o *uso de si por si e pelos outros*

envolvendo todos os aspectos, biológicos, físicos, sociais, culturais e valores que se manifestam pelo corpo em atividade no beneficiamento de granitos. Tais valores se estabelecem numa ética coletiva da vivência naquele meio de trabalho e não em outro. Pautado pelo macro em coadunação com o micro da atividade.

Por conseguinte, entende-se que cada atividade dos trabalhadores do beneficiamento a úmido em análise é sempre singular, e engloba a gestão de um conjunto de elementos que cada um deles, singularmente, vai ter que gerir a partir das condições que lhe são apresentadas, como: as demandas, as prescrições, as condições físicas e psíquicas, a trajetória profissional, o corpo, as relações sociais e de trabalho, os riscos relacionados à saúde e a segurança, e as relações hierárquicas (MORAES; PINTO, 2011). A partir da gestão dessas micro escolhas que consideram a individualidade e a coletividade, é que a atividade de trabalho se molda a cada novo dia de trabalho.

Entende-se como aspecto importante a compreensão dos aspectos da atividade e fatores intervenientes do meio nas “condições de trabalho” como um conceito expandido (SCHWARTZ, 2014b), para se traçar políticas de gestão em saúde e segurança que de fato partam do conhecimento da atividade em busca de normatização, construídas com o apoio de quem vivência o singular do trabalho, e não o reverso.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, D. TELLES, A. L. Interfaces ergonomia-ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes. In: FIGUEIREDO, M. et al. (Orgs.) **Labirintos do Trabalho**: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BINDA, J.. **Projeto de Uma Cartografia do trabalho dos agentes Comunitários de Saúde da Ilha das Caieiras**. Dissertação de Mestrado em Administração, – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- CLOT, Y. Clínicas do trabalho e clínica da atividade. In: Bensassolli, P. F e Soboll, L. A. P. (Org.). **Clínicas do Trabalho**: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, 2011, p.71-83.
- CANGUILHEM, G.. Milieu et normes de l’homme au travail. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, 3, 120-136, 1947.
- CANGUILHEM, G.. **O Normal e o Patológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. Revisões temáticas: glossário da Ergologia. **Laboreal**, 4, 1, 23-28, 2008.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32-51.

MORAES, T. D.; PINTO, F. M. O corpo nas atividades em trânsito: condutores profissionais e mobilização do corpo-si. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. 14, 2, 2011, p. 279-294.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006.

SCHWARTZ, Y. A Trama e a Urdidura. In: Schwartz, Yves; Durrive, Louis. (Org.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010a, p. 103-109.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, v.9, supl.1, p. 19-45, 2011a.

SCHWARTZ, Y. Manifesto por um ergoengajamento. In: Bensassolli, P. F e Soboll, L. A. P. (Org.). **Clínicas do Trabalho**: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, 2011b, p. 132-166.

SCHWARTZ, Y. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. **Letras de Hoje**, v.49, n. 3, p. 259-274, jul.-set., 2014a.

SCHWARTZ, Y. O Enigma do Trabalho: riscos profissionais e riscos do trabalho. In: BIANCO, M. F. (Coord.). **Competências e Gestão**: dialogando com o trabalho e decifrando suas conexões. Vitória: PROEX/UFES, 2014b, p. 59-70.

SCHWARTZ, Y. Os Ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educação & Sociedade**, 19, 65, p. 101-140, 1998.

SCHWARTZ, Y. Reflexões em torno de um exemplo de trabalho operário. In: Schwartz, Yves; Durrive, Louis. (Org.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010b, p. 37-46.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. **Revista Pro-posições**, Faculdade de Educação, Unicamp, 32. São Paulo, 2000.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. Técnicas e Competências. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010a, p. 85-102.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. Trabalho e Ergologia. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010b, p. 25-360.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. Trabalho e Uso de si. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. Ed. Niterói: EdUFF, 2010c, p. 189-204.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-034-6

